

O PAPEL DA HERMENÊUTICA NO PENSAMENTO FILOSÓFICO CONTEMPORÂNEO¹

*The role of hermeneutics in contemporary
philosophical thought*

Joel Cezar Bonin²

Igor de Benedetto e Silva³

RESUMO

A hermenêutica não é apenas um exercício analítico-gramatical que tenta “reconstruir” o que foi dito, mas antes de tudo, implica em uma forma de entendimento de “atualização do que foi dito”. Nesse sentido, o objetivo da presente reflexão é compreender quais são as grandes contribuições que a hermenêutica traz para o pensamento filosófico contemporâneo, dentro de uma perspectiva histórica. A ideia da interpretação não é nova, aliás, ela remonta toda a história do pensamento humano, antes mesmo dos gregos. Contudo, na atualidade, ela tem retomado grande valor e importância, haja vista o seu papel dentro do universo jurídico hodierno. Sendo assim, faz-se nesse texto uma revisão sobre os principais pensadores da hermenêutica da contemporaneidade, tais como Schleiermacher, Gadamer, Ricoeur, Dilthey, dentre outros. A análise não visa dar uma resposta final ou cabal acerca do tema, mas tão somente ilustrar o papel fundamental

¹ O artigo foi recebido em 04 de julho de 2016 e aprovado em 25 de julho de 2016 com base na avaliação dos pareceristas *ad hoc*.

² Professor de Filosofia e Sociologia UNIARP – Caçador-SC. Doutorando pelo PPGF/PUC-PR. Bolsista UNIEDU-SC.

³ Engenheiro eletricitista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie-SP. Graduado em Filosofia pela FAE – Curitiba-PR.

desses pensadores e de como a ciência não foi capaz de dar conta do problema de conhecimento e reconhecimento do mundo. Assim, a hermenêutica confirma o papel sobremaneira subjetivo e intersubjetivo (a inclusão do outro) do exercício de entendimento do mundo (*Weltanschauung*) e do próprio ser humano.

Palavras-chave: Hermenêutica; entendimento do mundo; pensadores; filosofia.

ABSTRACT

Hermeneutics is not just an analytical-grammatical exercise which attempts to “reconstruct” what was said, but, above all it implies in a way of understanding as an “actualization of what was said”. In this sense the goal of this reflection is to comprehend which are the great contributions which hermeneutics brings to contemporary philosophical thought within a historical perspective. The idea of interpretation is not new. In fact, it goes back through all of the history of human thought, even before the Greeks. However, in current times, it has regained great value and importance, observing its role within the daily legal universe. Thus, in this text a review of the main thinkers about hermeneutics in contemporary times, such as Schleiermacher, Gadamer, Ricoeur, Dilthey, among others is carried out. The analysis does not aim to give a final or definitive answer on the theme, but only to illustrate how fundamental the role of these thinkers is and how science was not able to cope with the problem of knowledge and recognition of the world. Thus, hermeneutics confirms the greatly subjective and intersubjective (the inclusion of the other) role in the exercise of understanding the world (*Weltanschauung*) and the human being him/her self.

Keywords: Hermeneutics, understanding of the world; thinkers; philosophy.

INTRODUÇÃO

Na filosofia dos séculos XIX e XX, a hermenêutica apresenta-se como um dos modos de produção filosófica. A reviravolta decorrente dos graves episódios mundiais despertou alguns pensadores para uma compreensão mais enfática da realidade. Dito de outro modo, as guerras, os desacordos, a destruição das culturas, a evasão das divisas entre a liberdade e a obrigatoriedade fundadas em teorias científicizadas para justificar uma suposta supremacia ou hegemonia sobre outra, fizeram com que se perpetrasse todo um novo exercício de interpretação da realidade.

Pensadores como Gadamer e Ricoeur, por exemplo, foram fundamentais no século XX para que tal exercício fosse levado a cabo. A importância da inclusão do outro será um dos tópicos mais importantes dessa análise. A aceitação de uma pluralidade de ideias, de interpretações e de pontos de vista agora se apresenta como algo comum, como algo que precisa ser posto na agenda da atividade filosófica. A unilateralidade, a estreiteza de convicções e a unanimidade tão presentes no final do século XIX e no início do século XX agora passam a ser superados (pelo menos em tese).

Sendo assim, convém compreender quais são as grandes contribuições que a hermenêutica traz para o pensamento filosófico contemporâneo, dentro de uma perspectiva histórica.

1 PERSPECTIVA HISTÓRICA DA ANTIGUIDADE

Olhando para o passado, podemos inferir que a própria palavra “hermenêutica” é atribuída a um deus grego, Hermes. Hermes, dentro da mitologia grega, era considerado o “mensageiro” de seus correligionários. Seu papel era o de comunicar aos humanos a mensagem proferida pelos deuses. Nesse sentido, parece essencial salientar que a própria compreensão da hermenêutica perpassa o problema da capacidade de compreender, entender, afirmar e interpretar o que o outro diz. Esse outro pode ser tanto um deus quanto um humano, tanto um texto quanto uma fala.

Essa atividade interpretativa que parece, a grosso modo, algo simples de ser efetuado, no fundo representa a fonte de todos os mal-entendidos que a humanidade enfrentou no passado e enfrenta nos dias atuais. Seja numa visão de interpretação do passado, seja no exercício da tradução comunicativa entre pessoas de povos e culturas distintas. É

justamente por isso que a hermenêutica não é apenas um exercício analítico-gramatical que tenta “reconstruir” o que foi dito, mas antes de tudo, implica em uma forma de entendimento da “atualização do que foi dito”. Paul Ricoeur, afirma que não basta apenas valorar o que se diz, mas principalmente o que é dito, pois o dito permanece: o que pode ser considerado como um trabalho de estilística e arte e não apenas de “redução do dado no papel”.

3 SCHLEIERMACHER E DILTHEY

Pensar a hermenêutica atual nos implica em uma oposição clara entre a tradição (Schleiermacher) e os contemporâneos (Gadamer e Ricoeur). Friedrich Schleiermacher, grande hermeneuta alemão que viveu entre os séculos XVIII e XIX, tentou defender a ideia de que a arte da interpretação é um exercício de refazer, pois “deve-se compreender tão bem e melhor que o escritor o que foi escrito”.⁴ Por essa ótica, a hermenêutica que começa com a compreensão dos textos sagrados e que perpassa nesse momento um contexto teológico-bíblico, se redonda a um problema técnico-gramatical, pois se vê uma certa obrigatoriedade na compreensão textual, como se “pudéssemos voltar no túnel do tempo” e analisar o que o escritor quis efetivamente dizer com sua obra há 1000 ou 2000 anos atrás. Assim afirma Schleiermacher sobre o trabalho da interpretação:

[...] discute-se agora primeiramente a opinião habitual sobre a multiplicidade de significados, segundo a qual, seguidamente, o original resta por fim apenas como um motivo afastado. A não validade desta opinião se esclarece em primeiro lugar quando se combina ambas as doutrinas opostas de significado

⁴ SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 69.

múltiplo de uma palavra e do significado quase idêntico de palavras inteiramente diferentes. Vê-se, por isso, que toda à formação da linguagem seria algo extremamente “deturpado”.⁵

Com esse texto, nota-se uma forte necessidade de estabelecer, segundo o pensador alemão, uma clara noção de que o exercício da interpretação é algo preciso, claro e inteligível para todos do mesmo modo, sem “deturpações”.

Um outro pensador importante, Wilhelm Dilthey, oferece um viés mais preciso da interpretação. Em certa medida, ele aplica o modelo científico das ciências da natureza para as ciências humanas, mas distinguindo a medida dessa proximidade com a frase: “compreende-se o homem, explica-se a natureza”. O exercício da interpretação é um exercício de estabelecer regras universais de compreensão da realidade. É uma tentativa de aplicar as regras do método cartesiano ao universo da interpretação. Pode-se dizer assim que a interpretação visa algo mais radical: uma compreensão que seja cada mais próxima de um ideal positivista de “saber para prever a fim de prover”.

Porém, Dilthey, apesar de não defender o positivismo de forma asseverada, tinha uma grande oposição ao romantismo e ao idealismo de pensadores como Hegel e Kant. A intenção de Dilthey, outrossim, era a de tentar entender a História como a plena realização dos fatos narrados pela tradição, como o ápice da realização humana, como plena efetuação do espírito, mas sem olvidar o caráter psicológico da análise da vida humana. Para Dilthey, História e Psicologia são duas faces de uma mesma moeda.

Segundo Sônia Araújo:

A realidade empírica é, então, por meio da cultura, recolocada pela História e Dilthey, à sua maneira, leva às últimas conseqüências a concepção de história dos pensadores da Escola Histórica, principalmente a de Ranke: *a de dizer tão só como*

⁵ SCHLEIERMACHER, 1999, p. 71.

efetivamente tem ocorrido as coisas. Porém, Dilthey propõe-se a avançar no processo historiográfico para além destes ao tentar examinar os motivos pelos quais os feitos culturais ocorrem; de procurar, por meio da Psicologia e da Antropologia, penetrar na alma humana e entender seus conflitos mais imediatos. Desta forma, Dilthey pensa elevar a História à consciência, pois defende que só ela (a consciência) nos adverte para a nossa relação com o mundo e fundamenta todo o conhecer.⁶

Nesse sentido, pode-se depreender que o modo de entendimento do mundo passa por uma análise histórica, que tenta agora separar o que pertence ao mundo da razão pura e aquilo que pertence ao mundo da razão prática. Dito de outro modo: as ciências naturais analisam o mundo pelo olhar técnico que, em última instância, visualizam a realidade como algo que precisa ser compreendido matematicamente; já por outro lado, o mundo das ciências do espírito não pode reduzir a compreensão do mundo a fórmulas exatas. O mundo das ciências humanas é o mundo vivido. Segundo o próprio Dilthey, a vida

constitui o único, obscuro e espantável objeto de toda filosofia. Não o enigma do mundo, que constitui mas que uma metade objetiva desse obscuro novelo de problemas, sina, mas bem, o rosto da vida mesma, com seus olhos que miram o mundo ou o contemplam serena ou imaginativamente, com sua boca sorridente ou que se contrai em um trejeito de dor: a esfinge do corpo animal e rosto humano.⁷

E nas palavras de Sônia Araújo:

A vivência é para Dilthey uma realidade direta, no sentido de que potencialmente lança bases à relação do homem com o mundo. Ela é a experiência no seu estado puro; a conexão entre o espírito e o tempo, portanto, realidade histórica; mundo exterior; saber estruturado pela compreensão da vida. Espírito

⁶ ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. *Dilthey e a hermenêutica da vida*. Crítica – Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [28]: 235 - 254, jan./jun., 2007. p. 239, grifo no original.

⁷ DILTHEY apud ARAÚJO, 2007, p. 243.

e mundo encontram-se articulados na vivência expressada, portanto ela se põe como material privilegiado de descrição psicológica e de hermenêutica das manifestações da vida - fundamentos das ciências do espírito. Mas, alerta o autor, para alcançar esta estrutura é preciso dar conta dos nexos efetivos que das vivências emanam, isto é, uma teleologia, um sentido que decorre da própria vivência ao processar relações interhumanas e, dessa forma, revelar o mundo histórico.⁸

Com base nisso, temos uma introdução ao pensamento que será adotado com mais afinco no decorrer do século XX, por pensadores como Heidegger e Gadamer: a hermenêutica agora está fundada na própria vida, na própria *condição de ser* do ser humano. A escrita, a fala, o expressar de ideias é resultante de algo mais concreto. A dimensão ontológica assume um papel fulcral no modo de interpretação. A hermenêutica funda raízes na história, na temporalidade, e em uma palavra: no *Dasein*. O problema reconstrutivo da obra e o caráter metafísico do dito perdem o seu valor e agora brota um novo modo de se fazer hermenêutica: o momento da leitura da obra (contexto, *Weltanschauung* do leitor, etc).

A hermenêutica da vida, que podemos chamar a partir do pensamento diltheyano, compreende que nada pode ser pensado antes do contexto histórico no qual o leitor está vivendo, até porque após a produção do escritor, após o “ponto final” dado pelo escritor, o texto não lhe pertence mais. A autonomia da produção literária ou artística não está mais fundada na psicologia do autor (um resquício de Dilthey ainda), mas na capacidade interpretativa do leitor, que se justifica na pluralidade polissêmica dos modos de ver e compreender o texto/obra.

Por esse viés, alguns conceitos e modos de interpretar serão destacados a seguir, tais como aplicação, círculo hermenêutico, hermenêutica da confiança e da suspeita, preconceitos, dentre outros.

⁸ ARAÚJO, 2007, p. 250.

4 GADAMER E RICOEUR

Tendo em vista que a primazia da obra não está mais em seu autor, mas em seu leitor, Gadamer afirma algo inovador: “toda tradição precisa de uma tradução”. Com essa frase, o pensador alemão corrobora com a ideia de que não se pode olhar o passado com o olhar do passado, mas com olhos do presente, tendo como *telos* o futuro. Nesse caso, o trabalho filosófico-hermenêutico de Gadamer é profundamente dialético. Se compreendermos que o passado não pode ser esquecido, mas compreendido, notar-se-á que o modo de análise hermenêutica de Gadamer se pauta pelo exercício de ressignificação do passado. E justamente por isso ele salienta o papel da aplicação como uma forma de antecipação da perfeição, sem uma visão negativa dos nossos próprios preconceitos diante do passado. Somos parte da tradição e estamos inseridos em uma tradição. O exercício hermenêutico é um exercício de compreensão da inserção própria do ser humano em um mundo dado, mas nunca determinado ou acabado. O pertencimento a uma realidade já posta não pode se fechar na aceitação de paradigmas ou conceitos unilaterais. Não se trata, como afirma Maria da Fonseca, de um círculo vicioso, mas de um círculo em espiral da compreensão, o que, em última instância, representa o movimento dialético de compreensão de uma obra.⁹

Porém, faz-se necessário lembrar que em Gadamer é fundamental compreender ainda que a atenção dada ao exercício da interpretação não pode ser separado de um ato de *phronesis* aristotélica, isto é, o ato de interpretar é, antes de mais nada, um ato de cuidado e de prudência diante daquilo que nos foi apresentado pela tradição.

⁹ FONSECA, Maria de Jesus. *Introdução à hermenêutica de Paul Ricoeur*. Revista Millenium. RE - Número 36 - Maio de 2009. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Viseu - Portugal. Disponível em: <<http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/339>>.

Por esse viés, a hermenêutica sempre tem um caráter intersubjetivo, pois pertencemos a uma comunidade, a uma história que sempre nos antecede e que não pode ser abandonada. Não há, por conseguinte, um fundamento último, um alicerce inexorável, mas há sempre o exercício do movimento. Não se pode inferir grosseiramente que Gadamer está citando Heráclito, mas isso não quer dizer que não haja um vínculo entre o “vir a ser” e o *Dasein*. Isto posto, podemos citar um pequeno trecho do texto de Gadamer sobre os preconceitos e a importância que os mesmos possuem no exercício filosófico da hermenêutica.

O que, sob a ideia de uma autoconstrução absoluta da razão, se apresenta como um preconceito limitador, é parte integrante, na verdade, da própria realidade histórica. Se se quer fazer justiça ao modo de ser finito e histórico do homem, é necessário levar a cabo uma drástica reabilitação do conceito do preconceito e reconhecer que existem preconceitos legítimos. Com isso, a questão central de uma hermenêutica verdadeiramente histórica, a questão epistemológica fundamental, pode ser formulada: em que pode basear-se a legitimidade dos preconceitos? Em que se diferenciam os preconceitos legítimos de todos os inumeráveis preconceitos cuja superação representa a inquestionável tarefa de toda a razão crítica?¹⁰

Diante destes questionamentos, parece claro o ponto no qual Gadamer quer chegar: os preconceitos são justamente aqueles pontos de vista com os quais iniciamos qualquer investigação filosófica. Tais preconceitos não estão imbuídos de negatividade, mas ao contrário, são o início de nosso empreendimento filosófico. É o ponto de partida do nosso conhecimento. Tais preconceitos possuem legitimidade pois não podemos começar nenhum estudo filosófico sem os mesmos. Outrossim, na medida em que estudamos e aprofundamos o nosso saber investigativo, os preconceitos são substituídos por conceitos que podem

¹⁰ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 416.

confirmar o que imaginávamos antes do conceito assimilado ou ainda, eles podem ser totalmente descartados na medida em que percebemos que nossas hipóteses eram falsas ou enganosas. Por isso, há uma crítica severa de Gadamer ao poder do argumento de autoridade, pois o exercício hermenêutico é livre, na medida em que não precisa obedecer imposições ou visões restritas de interpretação.

Gadamer ainda aprofunda o conceito de círculo do conhecimento hermenêutico abordando o papel do círculo hermenêutico. Não é apenas uma tarefa meramente lógico-formal de juntar ou separar as partes com o todo de um texto mas, acima de tudo, a possibilidade de encontrar a conectividade das partes com o todo. Dito de outro modo, não se quer um enquadramento ou um rótulo para o texto, mas acima de tudo, o que importa é a possibilidade de se ter uma percepção mais abrangente da produção do autor, que o leitor precisa “compreender”. Todo texto está posto dentro de um contexto, ou melhor, dentro de dois contextos: o contexto do autor e o contexto do leitor. Por isso, a compreensão hermenêutica não pode se fechar em um ato de adivinhação, mas deve estar marcada pela própria condição humana finita. O texto deve ser entendido por conceitos prévios, mas que no desenrolar do aperfeiçoamento intelectual vão sendo substituídos por outros. Nesse sentido, a interpretação nunca é iniciada a partir de um marco zero e chega um marco pré-estabelecido. Ela é o movimento do vaivém do pensamento que se dá histórica e dialeticamente no tempo. Nesse caso, parece-nos importante citar uma ideia de Daniel Crocoli sobre isso:

Diálogo tem a ver com uma postura de abertura frente às possibilidades do compreender, pois a vida diária, para não dizer simplesmente da postura de um hermeneuta, é repleta de momentos, de fatos e de encontros capazes de operar movimentos de ampliação da compreensão. “Porque a nossa

compreensão não apreende num só golpe do pensar tudo o que sabe, precisa sacar de si cada vez o que pensa, pondo-o diante de si mesma como numa auto-expressão de seu íntimo.”¹¹ Na verdade, o principal aspecto destacado na afirmação acima refere-se à finitude da compreensão, como se o compreender não chegasse a um limite absoluto de relações possíveis. Há um acontecer criativo e histórico na compreensão, que modifica e amplia relações. “Assim, o pensamento percorre um caminho rumo a concepções sempre novas, e, no fundo, não é perfectível em nenhuma delas.” (GADAMER, 2008, p. 550). Importante dizer que o pensamento, assim como a compreensão, se mantém na hermenêutica com o sentido de estrutura ou de base a partir da qual se pode pensar a reflexão. Ou ainda, a reflexão sobre o próprio pensamento e sobre a compreensão, como uma forma de objetivação, não surge sem que se tenha antes um pensamento ou uma base ligada à existência e à historicidade.¹²

Diante disso, podemos encetar o nosso caminho de compreensão hermenêutica-filosófica pelo pensamento de Paul Ricoeur, pois certamente de todos os estudiosos da hermenêutica, Ricoeur é o pensador que mais evidencia o papel fundamental da inclusão do outro no exercício da interpretação. Os principais conceitos atribuídos a ele são permeados pela ideia de que o outro é essencial na atividade de qualquer hermenêutica. O texto “O Si-mesmo como outro” funda-se em dois conceitos essenciais: a *ipseidade* (identidade na relação com o outro) e o *idem* (eu comigo mesmo). Na relação do sujeito com o mundo, não pode haver nenhum tipo de sujeição, pois não há si sem o outro. Os conflitos de interpretação são fundamentais para o

¹¹ GADAMER, 2008, p. 546.

¹² CROCOLI, Daniel José. *CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE HANS GEORG GADAMER PARA A EDUCAÇÃO*. Conferência na IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Universidade de Caxias do Sul-RS. p. 05-06.

amadurecimento do entendimento do mundo, pois não há, de modo algum, qualquer modo de hermenêutica sem a presença do outro e na medida em que os dois modos diversos de compreensão da realidade se confrontam, não pode haver um desejo de aniquilamento da verdade do outro, mas ao invés, uma forma de complementação daquilo que realmente pode representar o entendimento de um mesmo texto, símbolo ou obra. Aqui Ricoeur recorre ao problema da dualidade entre hermenêutica da suspeita e hermenêutica da confiança.

Na hermenêutica da confiança, podemos utilizar três conceitos básicos: a) toda a hermenêutica se desenvolveu, na tradição, como *ars interpretandi*; b) no século XIX, como compreensão da vida que se exprime através dos seus sinais (obras, textos); e c) segundo Heidegger, é um modo específico de ser do existir.

No fundo, os três conceitos nada mais são do que atos de confiança ou de boa vontade, pois eles representam a ideia fulcral de que a palavra é revelação de alguma verdade como, por exemplo, na religião que precisa através da palavra/símbolo evidenciar verdades. Isto é, a palavra pode tocar significativamente a vida humana, num contexto praticamente agostiniano de que *devemos compreender para crer e crer para compreender*. É um ato de confiança, de fé e até mesmo de humildade. Ao ler o texto, adota-se uma atitude participativa e compreensiva: dimensão poética e dialógica da palavra que deve incitar a interpelação e a interpretação. Na interpretação da confiança em Ricoeur, é necessário que o outro participe de tal modo que haja uma verdadeira ação de reciprocidade entre o dito e o feito, de acordo com o que o próprio Ricoeur relata:

A manutenção de si é para a pessoa a maneira de se comportar tal que o outro possa *contar* com ela. Porque alguém conta comigo, eu sou responsável por minhas ações diante de um outro. O termo de responsabilidade reúne duas significações:

contar com..., ser responsável por... Ele as reúne, acrescentando aí a ideia *de uma resposta*: “Onde está você?” indagada por outro que me solicita. Esta resposta é: “Eis-me aqui”. Resposta que enuncia a manutenção de si.¹³

Por essa perspectiva, nota-se que o ato hermenêutico da confiança tange em um ponto que, pode passar despercebido por muitos: o caráter ético da interpretação. Confiar no outro significa confiar em si mesmo. O exercício de interpretação de si passa mesmo que, superficialmente, por uma “técnica de autoconhecimento”, de empoderamento. O ato de autoconhecimento nunca é solipsista, egoísta ou centrado em si, mas se dá também numa ação interativa e inclusiva. Ninguém pode se definir como si mesmo (*idem*) sem o reconhecimento do outro, que atesta a minha identidade (*ipse*). Sobre isso, fala Ricoeur:

[Faço] uma consideração gramatical referente à diferença no uso do verbo “reconhecer” conforme considerado na voz ativa – “eu reconheço” – ou na voz passiva – “eu sou reconhecido”. Pareceu-me que essa diferença revelava uma reviravolta significativa no plano do encadeamento dos usos filosóficos do termo “reconhecimento”, na medida em que era possível fazer corresponder à voz ativa os usos do verbo “reconhecer” em que se expressa o domínio do pensamento sobre o sentido, e na voz passiva o estado de exigência cujo cerne é o ser reconhecido. Assim aparece, com efeito, considerada em suas grandes linhas a dinâmica que posso começar a chamar de percurso, a saber, a passagem do reconhecimento-identificação, no qual o sujeito de pensamento pretende efetivamente o domínio do sentido, para o reconhecimento mútuo, em que o sujeito se coloca sob a tutela de uma relação de reciprocidade, passando pelo reconhecimento do si na variedade das capacidades que modulam seu poder de agir, sua *agency*. [...] As conquistas do reconhecimento-atestação de si não são perdidas, ainda menos abolidas pela passagem para o estágio do reconhecimento mútuo. Direi em primeiro lugar que se trata

¹³ RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991. p. 195. Grifo no original.

ainda e sempre de identificação. Ser reconhecido, se isso alguma vez ocorre, seria para cada pessoa receber a garantia plena de sua identidade graças ao reconhecimento por outrem de seu império de capacidades.¹⁴

Por outro lado, na hermenêutica da suspeita de Ricoeur, vê-se claramente o papel do filósofo como um questionador da realidade que pode ser mascarada e velada pela falsa intencionalidade do outro. À interpretação cabe destruir as máscaras e disfarces, mas sem esquecer que a falsidade ou verdade se manifestam linguisticamente. Isto é, oscilamos hoje entre a vontade de escuta e a vontade de suspeita. Outrossim, ela não pode ser pura suspeita, pois com isso se tornaria niilista, vazia e não levaria a lugar algum. A hermenêutica da suspeita supera a ideia pura do *cogito*, mas necessita da dúvida para ser reconhecida como instrumento de análise da própria realidade.

Nesse ponto, vale salientar que uma das maiores metas da hermenêutica é a de investigar outras possibilidades de compreensão do mundo, que extrapolem uma visão restrita da apreensão do mundo como objeto de estudo científico. Encarar o mundo como algo dado matematicamente num modelo cartesiano-galilaico de interpretação é um dos pontos mais criticados pela hermenêutica. Nesse caso, Gadamer e Ricoeur são os hermeneutas mais críticos desse posicionamento filosófico, pois conferem ao ato de interpretar não mais um caráter universal/unilateral, mas uma perspectiva ampla e plural, pois a palavra é sempre dada em um momento que não é captado *a priori* em categorias definitivas e eternas, mas em um *Dasein*.

Por fim, é por isso que Ricoeur defenda uma visão polissêmica, isotópica e autônoma do texto, pois ele perpassa continuamente o tempo e a experiência humana, mediatizando todas as relações interpessoais, conforme corrobora Maria da Fonseca:

¹⁴ RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 260-262. Grifos no original.

[...] então, sendo todas as palavras mais ou menos polissêmicas e semanticamente ricas, a univocidade ou plurivocidade do seu sentido, e conseqüentemente do discurso, depende apenas do contexto do discurso. Se o contexto permite uma única temática ou um único plano de referência, isto é, uma única isotopia, a palavra e o discurso são unívocos, caso contrário “si le contexte tolere ou même preserve plusieurs isotopies à la fois, nous aurons affaire à un langage effectivement symbolique, qui dit autre chose en disant une chose.”¹⁵ [...] Por outro lado, se há uma polissemia das palavras também há uma plurisignificabilidade do texto.” Au-delà de la polysémie de mots dans la conversation, se découvre une polysémie du texte qui invite à une lecture plurielle. C’est le moment de l’interprétation”¹⁶ O texto autônomo é essencialmente aberto e polissêmico e exige que o leitor estabeleça a referência, e, por isso, um texto permite múltiplas interpretações e mesmo um conflito de interpretações. Estabelecido o que é um texto, resta falar das duas atitudes fundamentais face a um texto: explicar e/ou compreender.¹⁷

Por isso, segundo Gadamer, o exercício de interpretação se dá, acima de tudo, por um tripé: *subtilitas intelligendi*, *subtilitas explicandi* e *subtilitas applicandi*.¹⁸ Isto é, o exercício do pensamento interpretativo precisa perpassar a noção da interpretação ou compreensão (*subtilitas intelligendi*), da explicação (*subtilitas explicandi*) e a sua devida aplicação (*subtilitas applicandi*). E isso ocorre na medida em que esse exercício não está preso a uma forma “aritmética” de entendimento da realidade do texto ou da fala, mas a

¹⁵ “Se o contexto tolera ou mesmo preserva várias isotopias de uma vez, nós estaremos tratando realmente de uma linguagem simbólica que diz alguma coisa sobre alguma coisa” (tradução dos autores). RICOEUR, 1969:95.

¹⁶ “Além dos múltiplos significados das palavras na conversação, descobre-se uma polissemia do texto que convida para uma leitura plural. Este é o momento de interpretação” (tradução dos autores). RICOEUR, 1975:42.

¹⁷ FONSECA, 2009, p. 22-23.

¹⁸ GADAMER, 1997.

uma *subtilitas*, como arte, tomando distância de uma metodologia própria ou universal de extração da verdade de qualquer texto, símbolo ou obra. A teleologia da interpretação daquele que se lança nessa tarefa não está dada de antemão, mas implica em uma tarefa ousada: a de entender o mundo, a partir de seu mundo e não há atividade mais desafiadora do que essa em nossa contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo aqui apresentado teve como objetivo central, delinear em grandes linhas, o pensamento hermenêutico de nossa atualidade, apontando os principais pensadores-hermeneutas e seus respectivos pontos de vista sobre o tema. Nosso intento foi o de demonstrar que a hermenêutica, mesmo sendo uma área de estudos da filosofia, da teologia e do saber jurídico muito antiga, permanece como essencial para o entendimento da vida social da atualidade.

De um lado, Schleiermacher e Dilthey (estes ainda um pouco mais ligados a uma ideia positivista da interpretação) e, por outro, Gadamer e Ricoeur, mostram que, por vias diferentes, a filosofia hermenêutica é de fundamental importância para o exercício de entendimento do mundo, pela sua possibilidade polifônica, polissêmica e plurissignificante. Estudar e conhecer tais pensadores parece ser um exercício assaz necessário para compreensão de que não existem modos exclusivos de fala, compreensão e aplicação de determinados saberes.

Creemos que, nesse sentido, a fenomenologia de Husserl pode nos ajudar na medida em que entendemos que a hermenêutica nos coloca diante da *epochê*: para lermos e entendermos o mundo, deve-se colocar os nossos juízos e modos de interpretação “entre parênteses”, de tal modo, que se possa entender que é preciso “suspender o juízo” diante do texto,

do símbolo ou até mesmo do outro. O ensinamento desses grandes pensadores nos ilustra o papel sobremaneira essencial da busca do diálogo, da compreensão recíproca e do consenso no exercício de interpretação do mundo, o que invariavelmente deve resultar em uma necessidade de redução ou eliminação gradual do desrespeito intelectual, da soberba cognitiva e da empáfia linguística, pois os saberes não são algo já dado, mas que estão sempre em vias de construção e aprimoramento.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. *Dilthey e a hermenêutica da vida*. Crítica – Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [28]: 235 - 254, jan./jun. 2007.

CROCOLI, Daniel José. *CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE HANS GEORG GADAMER PARA A EDUCAÇÃO*. Conferência na IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Universidade de Caxias do Sul-RS. Link: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/55/845>

DILTHEY, Wilhelm. *Teoria de la concepcion del mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1954.

FONSECA, Maria de Jesus. *Introdução à hermenêutica de Paul Ricoeur*. Revista Millenium. RE - Número 36 - Maio de 2009. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Viseu - Portugal. Link: <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/339>

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997.

RIKOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papirus, 1991.

RIKOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA, Maria Luísa Portocarrero. *Conceitos fundamentais da hermenêutica filosófica*. Universidade de Coimbra, 2010. Link: http://www.uc.pt/fluc/lif/conceitos_herm

Obras de Ricoeur citadas por Maria da Fonseca:

RIKOEUR, Paul. *Phénoménologie et herméneutique*. In: VÁRIOS, *Phénoménologie heute, Grundlagen und methodenprobleme*, Friburg-Muenchen, 1975. p. 31-75.

RIKOEUR, Paul. *Le conflit des interprétations, essais d'herméneutique*, Paris, ed. Du Seuil, 1969.

Obras de Gadamer citadas por Daniel Crocoli:

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.